

Formação da consciência histórica de jovens: fatores e influência para orientação temporal

FRANCIELE AMARAL RODRIGUES DOS SANTOS*

Ao propormos refletir sobre aprendizagem e formação da consciência histórica de jovens, consideramos fundamental assumir como ponto de partida, identificar aspectos que influenciam e promovem aquisição de conhecimento em diferentes momentos e situações cotidianas. Dentre as atividades desenvolvidas e aplicadas pela escola e ainda àqueles advindos de interações com a realidade sociocultural a que pertencem, meios de comunicação e leituras em geral. Investigar estes processos de aprendizagem remete à questionamentos que estimulam os próprios jovens a apontarem os fatores que consideram decisivos para a apreensão do conhecimento histórico, tendo vista a identificação dos meios ou recursos enunciados como responsáveis pela aprendizagem histórica.

Para abordarmos as situações as constitutivas de formas de aprender e ensinar história no ensino básico fundamentamos nossa reflexão em referencial teórico da educação histórica para lidarmos com as maneiras como jovens e crianças aprendem história dentro e fora da sala de aula, a partir de fatores indicados por jovens estudantes como razões para a assimilação de determinadas concepções que remetem a conteúdos e/ou conceitos históricos. O intuito da investigação consiste elencar um conjunto de elementos que favorecem à aprendizagem histórica e são reconhecidos pelos jovens como responsáveis pela assimilação de conteúdos a fim de compreender os recursos que influenciam na orientação temporal. Um primeiro momento do trabalho de investigação consistiu na aplicação de enquete com alunos do ensino básico de escolas públicas do município de Ituiutaba, MG, no sentido de identificar os recursos acessados quando realizam pesquisas escolares demandadas em aulas de história. Em última instância, pretende-se refletir sobre a formação de consciência histórica por meio de aspectos atribuídos pelos jovens como decisivos para aprendizagem histórica, e portanto, pertinentes à didática da histórica, tanto no âmbito escolar, quanto os que ocorrem fora da escola.

*Graduanda em História na Universidade Federal de Uberlândia/Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (UFU/FACIP). Orientador: Prof. Dr. José Josberto Montenegro Sousa, bolsista PIBIC – CNPq. Email: fra21amara@hotmail.com

À medida que identificamos campos de interesse histórico, importa fundamentalmente acompanhar o percurso de aprendizado e mais, obter dos estudantes, respostas para questões como: o que determinado conteúdo informa sobre o passado, por que desperta interesse? No processo de aprendizagem histórica podemos perceber como se torna mais viável a assimilação de conteúdos, como esses jovens se orientam no tempo a partir do conhecimento do passado e como trazem esse aprendizado para a vida prática. Está implicado nessa análise o processo de formação da consciência histórica desses jovens. Para lidar com as questões apresentadas buscamos referências conceituais sobre a formação da consciência histórica e o ensino de história no pensamento teórico de Jörn Rüsen. Para este autor, a formação da consciência histórica nos possibilita pensar a história como disciplina orientadora da vida prática no tempo. Norteados por este pressuposto, entendemos que a formação da consciência histórica remete a um conjunto de relações aluno/escola e aluno/sociedade. Para entendermos estas relações é necessário intervir, promover novas possibilidades de interagir com conhecimento adquirido pelo aluno em diversos momentos da vida cotidiana, ou seja, em sua realidade dentro e fora do espaço escolar. Atentar para os conteúdos empíricos ministrados em sala de aula, mas também para as relações e maneira como estes aparecem no dia a dia dos jovens. O estudo do passado traz algumas respostas para as inquietações vividas no presente, portanto faz-se necessário que os alunos entendam que o passado não está em um plano isolado e sim enraizado em nossas vidas hoje, pois tudo o que foi e é vivenciado faz parte das mudanças que gradualmente vem acontecendo no mundo. Seguindo o pensamento teórico de Rüsen, o aprendizado histórico pode ser posto em andamento, portanto, somente a partir de experiências de ações relevantes do presente (RÜSEN, 2010: 44).

Investigar o processo de aprendizagem partindo do questionamento de como o aluno aprende história, de qual é a melhor forma para a assimilação do conteúdo, poderá tornar possível aos estudantes, bem como aos responsáveis pela educação formal, desenvolver e viabilizar uma pesquisa de qualidade com senso crítico e reflexivo, no sentido de contribuir para a educação histórica articulada com a vida prática. Esse debate em relação ao ensino de história e consciência histórica é sistematizado pela Didática da História.

A Didática nos permite conhecer o pensamento histórico de professores e alunos e não obstante nos permite ainda, conhecer a forma de como esses alunos apreendem o ensino de história e como eles se utilizam desse conhecimento na a vida prática. Afinal, o aprendizado histórico é o objeto da Didática da História e essa é sua grande preocupação: aprender como

se aprende história, para saber ensinar. A Didática da História, como disciplina científica, atua sobre os processos com os quais se desenvolve o aprendizado histórico, através dela é possível compreender as relações das diferentes sociedades, seus mecanismos globais e as relações entre as atividades cotidianas dos professores e aos sentidos que os alunos atribuem à história. A didática se preocupa com a fundamentação da disciplina de História no ensino e desenvolve o processo de formação da consciência histórica que se dá por meio concreto das formas de se apreender a história seja de forma empírica, por meio social no cotidiano ou mediada pelo professor em sala de aula.

De acordo com Klaus Bergman "a Didática da História se ocupa em estudar a consciência histórica, pois se preocupa com a formação do indivíduo, com o conteúdo e os efeitos da consciência histórica num determinado contexto sócio-histórico", (BERGMAN, 1989: 29). É proposto também por essa disciplina científica da história, uma reflexão sobre como os processos com os quais os homens produzem uma interpretação do passado humano, onde se busca orientação para o presente e traz perspectivas para o futuro. Essa interpretação é uma ruptura da interpretação do passado por ele mesmo na aprendizagem histórica. Neste sentido, direcionamos o foco desta proposta de investigação às formas de se aprender história buscadas por estudantes do ensino básico dentro e fora do espaço escolar. Portanto, a proposta ora apresentada consiste em conhecer os procedimentos adotados nas práticas educativas realizadas no âmbito escolar e fora dele, atentando para os critérios usados pelos professores de história, bem como as fontes de pesquisa acessadas por estudantes fora da sala de aula em suas buscas para elaboração de trabalhos escolares. Dessa forma, podemos perceber qual é a melhor maneira que esses alunos encontram para desenvolver suas pesquisas e se eles realmente aprendem história em sala de aula da forma como o professor está ministrando. É necessário compreender como ocorre o que se entende como educação histórica e insistentemente como os jovens e crianças aprendem a história. Para Rüsen "os problemas concernentes ao aprendizado da história remetem às formas como é praticado o ensino desta disciplina." (RÜSEN, 2010: 23) Para este autor importa atentar para os usos da história na vida das pessoas. Para isso é necessário compreender as tipologias da didática da história que devem ser consideradas como formas de aprender e ensinar história como parte integrante dos estudos históricos e, portanto, da formação de professores de história. A preocupação em relação à formação dos profissionais da história na área da educação vem sendo discutida ao longo dos anos, para ensinar história é necessário, além do conhecimento histórico, saber

orientar os alunos no tempo e contribuir de forma sistematizada para a formação da consciência histórica dos mesmos a partir das demandas apresentadas pela sociedade na qual estamos inseridos. Dessa forma o professor deve estar atento ao seu público alvo para saber qual a melhor maneira de ensinar história, ou seja, é importante perceber que a dimensão da educação histórica fundamentada na compreensão dos processos que orientam a formação da consciência histórica, pressupõe que a aprendizagem da história seja pensada de forma a levar em consideração o público ao qual se direcionam os objetivos do ensino, neste caso os estudantes de educação básica.

Segundo Rüsen, existem quatro formas de aprendizado histórico: tradicional, exemplar, crítico e genérico. Ao realizar esse trabalho, percebemos que o modelo tradicional é um dos mais frequentes no ensino de história nas escolas públicas, onde a forma de aprendizado está voltada para o sentido da experiência temporal em que as tradições são condutoras das ações e se tornam visíveis e reconstruídas como orientações estabilizadoras da própria vida prática. É preciso mais do que seguir as tradições para melhorar a vida prática, por isso se faz necessário um melhor esclarecimento dos diferentes usos da história para os alunos do ensino básico. O primeiro princípio da ordem da teoria da Didática da História, de acordo com Rüsen, se refere aos métodos e atividades de ensino de história, portanto, faz com que professores "busquem renovar conteúdos e construir problematizações históricas, buscando recuperar a vivência pessoal e coletiva de alunos e professores como participantes da realidade histórica, a qual deve ser analisada, retrabalhada e convertida em conhecimento histórico" (SCHIMIT e GARCIA, 2005: 299).

A formação da consciência história é adquirida, conforme Rüsen, por diferentes processos como a mobilização e articulação de níveis de cognição em que ele categoriza como tipologias de aquisição de noções de sentido do passado. Essa constituição tradicional de sentido do passado é apreendida nas relações sociais vividas por suas formas de interpretar e se situar no tempo; a constituição exemplar de sentido através da história ensina regras para agir no presente a partir de acontecimentos passados; a constituição crítica de sentido é caracterizada pelo estabelecimento de posturas que questionam os acontecimentos históricos vigentes; e a constituição genética de sentido que é marcada pela capacidade de percepção das mudanças temporais e suas interferências nas formas de vida. Posto isso para os jovens e crianças do ensino básico a participação efetiva na vida prática com as contribuições do

pensamento histórico passam a ser mais percebidas em discussões políticas, sociais, culturais, a partir de pensamentos críticos e reflexivos produzidos por eles. Bergman, nos permite chegar a esse caminho, pois segundo ele "o ensino de História produz e transmite, finalmente orientações e atitudes pelas quais um pensamento histórico racionalmente elaborado, de acordo com a autoidentidade, cria condições reais para a práxis individual e social" (BERGMAN, 1889: 37).

A partir dos conceitos teóricos relacionados ao ensino de História, foi sistematizada uma atividade investigativa realizada em uma escola pública municipal em Ituiutuba-MG, com alunos do 7º ano do ensino fundamental e 1º do ensino médio. O instrumento para obtenção de resposta dos estudantes foi formulado sob a forma de enquête discursiva direcionada às formas de aprendizagem histórica relacionada às “pesquisas escolares” demandadas por professores de história. Neste sentido, almejamos identificar materiais, recursos, fontes que auxiliam na realização das chamadas “pesquisas escolares” e a maneira como interferem ou influenciam na formação da consciência histórica de jovens.

Recorremos à enquête por considerarmos que esta atenderia à perspectiva de construir uma primeira aproximação diagnóstica, além de corroborar com pressupostos da investigação qualitativa a ser realizada posteriormente. A enquête composta por nove itens foi aplicada durante aula do professor de história em uma turma do sétimo ano do ensino fundamental, comporta por 33 estudantes. E uma turma do primeiro ano do ensino médio, formada por 22 estudantes. As questões abordam diferentes temas do processo de ensino-aprendizagem, as quais discutiremos a seguir, analisando os indicativos e significados das respostas dos estudantes.

A primeira questão formulada na enquête: *“O seu professor de história costuma passar atividades para fazer fora da sala de aula? Especifique que tipo de trabalho.*

Dentre as respostas apresentadas para a turma de sétimo ano, dos 22 estudantes, 16 responderam afirmativamente. Destes, ao especificarem o tipo de atividade solicitada, seis destacam que o professor, após tratar determinadas temáticas, indica filmes. Outros cinco fizeram referência ao uso da internet para responder às solicitações das tarefas do professor de história.

Na turma do primeiro ano do ensino médio, composta por 33 estudantes, somente 18 afirmaram que o professor solicita tarefas a serem realizadas em casa. Neste caso, ao

especificarem, remeteram aos temas ou assuntos abordados. Dentre as repostas, há algumas que se destacam por fazerem alusão à estas tarefas favorecerem à aprendizagem.

Com relação ao outro item da enquete, acerca dos “materiais ou fontes de informação que utilizam para responder às atividades solicitadas pelo professor de história”, no qual foram apresentados: I – Livro didático; II - Biblioteca; III – Internet; IV – Museu; e V – Jornais, revistas, com opção para especificar. As respostas obtidas, no sétimo ano, 26 alunos disseram utilizar o livro didático, nove recorrem à internet, 12 usam jornais e revistas e somente um a biblioteca. Entre os estudantes do primeiro ano, 20 buscam respostas para seus trabalhos na internet, 11 livro didáticos e três recorrem á biblioteca.

Em seguida, pediu-se que “explicassem como utilizam os materiais acessados”, a maioria das respostas mencionam a palavra pesquisa, com indicativos de certa preocupação em interpretar o conteúdo acessado, com expressões como: *“Leio o texto e depois começo a copiar ou responder a analisar as questões* (estudante 7ª ano). Ou ainda, *Eu leio e depois escrevo o que eu entendi com as minhas próprias palavras* (estudante 1º ano).

Considerações

Na análise de práticas de aprendizagem que orientam as buscas de estudantes quando da realização de seus trabalhos escolares, constata-se o predomínio de atitudes recorrentemente reprodutivistas de conteúdos de história, marcada pela recepção quase mecânica do conhecimento. Porém, as narrativas históricas enunciadas indicam e remetem a certos fragmentos de conceitos e noções de temporalidade. Diante disto, admitimos algumas hipóteses:

I – as dificuldades dos estudantes de enunciarem formas mais elaboradas se devem a limites de uso da linguagem em geral.

II – as repostas dos estudantes indicam posturas e atitudes voltadas à interpretação, e ao desenvolvimento de formas de aprendizagem mediada pelo conhecimento prévio, seja da sala de aula, seja de outras orientações.

Do ponto de vista da orientada pelos pressupostos da educação histórica (RÜSEN, 2007:48-63), sugere que aprender como os alunos aprendem constitui um decisivo recurso metodológico para aprender a ensinar e adquirir consciência sobre suas próprias limitações o

aluno perde seu caráter de reprodutor passivo e passa a ter uma atividade cognitiva marcada pela capacidade percepção das mudanças temporais e suas interferências nas formas de vida e se posicionar frente às mudanças e permanências.

Essa primeira fase do trabalho concluída com os alunos nos dá margem para repensar como funciona a relação professor/aluno, o tipo de aprendizado histórico produzido a partir desta relação e como é possível relacionar o conhecimento produzido por eles com a vida prática e a partir disto formularmos proposições à didática da história.

Referências

BERGMANN, Klaus. A história na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9, n. 19, p. 29 - 42, set 89/fev. 90.

RÜSEN, Jörn. Jörn Rüsen e o Ensino de História. Organização: Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão de Rezende Martins. Curitiba: UFPR, 2010.

SCHIMIT, Maria Auxiliadora M. S; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. *A formação da consciência história de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história*. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acessado em 16/05/2013